



Catequese inclusiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista: fundamentos teológicos e desafios pastorais à luz do diretório para a catequese

Inclusive catechesis for children with Autism
Spectrum Disorder: theological foundations and
pastoral challenges in light of the directory for
catechesis

*Daniel Bernardo da Silva**

UniCatólica

*Felipe dos Santos Sampaio***

UniCatólica

*Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro****

UniCatólica

Recebido em: 21/04/2026. Aceito em: 21/05/2026.

* Especialista em Ciências Humanas e Sociais aplicadas e o mundo do trabalho – Teresina, 2025; Especialista em Ciências da Natureza, suas tecnologias e o mundo do trabalho – Teresina, 2025; Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis – Anápolis, 2024; Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri – Crato, 2019; Bacharelado em Teologia pela Universidade Católica de Quixadá – Quixadá, 2026; Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP (2025-2026), atuando na área da Teologia Pastoral com ênfase na Catequese Inclusiva; Integrante dos Grupos de Pesquisa “Paideia Grega e Cristã” e do “Grupo de Pesquisa em Estudos Interdisciplinares e Práticas sociais e Educativas” – GPISE. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5851-4488>.
E-mail: bernardo200697@gmail.com.

** Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza – Fortaleza, 2022; Bacharelado em Teologia pela Universidade Católica de Quixadá – Quixadá, 2026; Pesquisador Voluntário pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP (2025-2026). ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4708-4670>.
E-mail: 2023010451@unicatolicaquixada.edu.br.





Resumo: O presente artigo analisa a catequese inclusiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) à luz das orientações do Diretório para a Catequese e de outros documentos do Magistério da Igreja. Partindo da compreensão da dignidade da pessoa humana como fundamento da missão evangelizadora, o presente estudo reflete sobre o direito das pessoas com deficiência à participação na vida eclesial e no processo de iniciação cristã. A pesquisa possui abordagem qualitativa, fundamentada em análise bibliográfica e documental, dialogando com produções acadêmicas nas áreas da teologia pastoral, catequese e educação inclusiva. Inicialmente, discute-se a dignidade da criança com deficiência no contexto da missão da Igreja e a contribuição do Diretório para a Catequese para a promoção de uma evangelização inclusiva. Em seguida, analisa-se a relação entre catequese inclusiva e eclesiologia de comunhão, evidenciando desafios pastorais presentes na evangelização de crianças com TEA. Por fim, o estudo apresenta possibilidades e caminhos pastorais voltados à formação de catequistas, ao diálogo com as famílias e à adaptação de práticas catequéticas inspiradas na educação inclusiva. Conclui-se que a catequese inclusiva não constitui apenas uma adaptação metodológica, mas expressão concreta da missão evangelizadora da Igreja, chamada a anunciar o Evangelho a todos e a reconhecer a dignidade de cada pessoa como filho e filha de Deus.

Palavras-chave: catequese inclusiva; transtorno do espectro autista; inclusão na Igreja.

Abstract: This article analyzes inclusive catechesis for children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in light of the guidelines of the Directory for Catechesis and other documents of the Church's Magisterium. Based on the understanding of human dignity as the foundation of the Church's evangelizing mission, the study reflects on the right of persons with disabilities to participate in ecclesial life and in the process of Christian initiation. The research adopts a qualitative approach grounded in bibliographical and documentary analysis, engaging with academic studies in pastoral theology, catechesis, and inclusive education. The article first discusses the dignity of children with disabilities within the mission of the Church and examines the contribution of the Directory for Catechesis to the promotion of

*** Pós-doutorado em e-learning pela Universidade Fernando Pessoa – Portugal, em 2025; Pós doutora em Educação pela Universidade do Minho – Portugal, em 2016; Pós doutorado em Docência e Investigação Universitária pelo Instituto Universitário Italiano de Rosário – Argentina (2019); Doutorado em Ciências da Educação pela Universidad Del Norte (2009), título revalidado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Junho de 2012; Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2004); Graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1984), aperfeiçoamento em Ensino de Língua Portuguesa (1991) pela Universidade Federal do Ceará e especialista em Ensino do Português (1996) pela Universidade Estadual do Ceará; Professora assistente da Universidade Estadual do Ceará; Membro da Academia Quixadaense de Letras; Professora da UniCatólica nos cursos de Psicologia, Teologia, Sistema de Informação, Filosofia, Medicina Veterinária e Coordenadora de Iniciação Científica, Comunitária e de Extensão/NAARTE; Orientadora PIC/FUNCAP – UniCatólica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0413-7798>.

E-mail: stanianagila@unicatolicaquixada.edu.br.



inclusive evangelization. It then explores the relationship between inclusive catechesis and the ecclesiology of communion, highlighting the pastoral challenges involved in the evangelization of children with ASD. Finally, it presents pastoral perspectives and possible paths for fostering more welcoming and participatory catechetical practices within Christian communities, including catechist formation, dialogue with families, and the adaptation of pedagogical resources. The study concludes that inclusive catechesis is not merely a pedagogical adaptation but a concrete expression of the Church's evangelizing mission, called to proclaim the Gospel to all and to recognize the dignity of every person as a child of God.

Keywords: *inclusive catechesis; autism spectrum disorder; inclusion in the Church.*

Introdução

A missão evangelizadora da Igreja fundamenta-se no anúncio universal do Evangelho e no reconhecimento da dignidade de toda pessoa humana. Nesse horizonte, a catequese ocupa lugar central na vida e na ação pastoral da comunidade cristã, pois promove o encontro com Jesus Cristo e favorece o amadurecimento da fé no interior da Igreja. Como dimensão essencial da evangelização, ela é chamada a alcançar todas as pessoas, sem exclusões, reconhecendo em cada fiel a condição de sujeito do processo de iniciação e crescimento na vida cristã.

Entre os desafios contemporâneos da ação evangelizadora encontra-se a necessidade de promover uma catequese verdadeiramente inclusiva, capaz de acolher crianças com deficiência e garantir sua participação efetiva na vida eclesial. Nesse contexto, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta particularidades cognitivas, sensoriais e comunicacionais que frequentemente exigem abordagens pastorais mais sensíveis e adaptadas no processo catequético.

Nas últimas décadas, o Magistério da Igreja tem reafirmado de modo crescente o compromisso com a inclusão das pessoas com deficiência na vida da comunidade cristã. Documentos recentes indicam que a evangelização não pode prescindir da atenção à diversidade humana, reconhecendo que todas as pessoas são chamadas a participar da vida da Igreja e do caminho de iniciação à fé.

Nesse sentido, o *Diretório para a Catequese* (DC) destaca que a catequese deve assumir um caráter profundamente inclusivo, capaz de acolher e acompanhar também aqueles que apresentam necessidades específicas no processo de aprendizagem e vivência da fé.



Apesar dessas orientações, muitas comunidades eclesiais ainda enfrentam dificuldades concretas na implementação de práticas catequéticas inclusivas. A falta de formação específica dos catequistas, a escassez de materiais pedagógicos adaptados e a persistência de visões reducionistas sobre a deficiência revelam a existência de uma distância entre o horizonte proposto pelo Magistério e a realidade pastoral vivida em diversas paróquias.

Diante desse contexto, coloca-se a seguinte questão de pesquisa: de que modo as orientações do Diretório para a Catequese podem contribuir para a construção de práticas pastorais que favoreçam a catequese inclusiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista nas comunidades eclesiais?

Assim, o objetivo deste artigo é analisar a catequese inclusiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista à luz das orientações do *Diretório para a Catequese*, identificando desafios pastorais e possíveis caminhos para a promoção de práticas catequéticas mais inclusivas nas comunidades eclesiais.

Para alcançar esse objetivo, a pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada em análise bibliográfica e documental, dialogando com documentos do Magistério da Igreja e estudos acadêmicos nas áreas da teologia pastoral, catequese e educação inclusiva. O percurso do artigo organiza-se em cinco momentos: inicialmente, discute-se a dignidade da criança com deficiência na missão da Igreja; em seguida, analisa-se a contribuição do *Diretório para a Catequese* para a evangelização inclusiva; posteriormente, reflete-se sobre a relação entre catequese inclusiva e eclesiologia de comunhão; por fim, apresentam-se desafios pastorais e possíveis caminhos para a evangelização de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

1 A dignidade da criança com deficiência na missão da Igreja

O tema das deficiências e, em particular, do Transtorno do Espectro Autista (TEA), tem ocupado lugar crescente no debate social contemporâneo. Nas últimas décadas, avanços significativos nas políticas públicas e nas práticas educacionais inclusivas têm contribuído para ampliar a consciência acerca da dignidade das pessoas com deficiência e de suas necessidades específicas. Esse contexto interpela também a ação evange-



lizadora da Igreja, chamada a discernir os sinais dos tempos e a responder pastoralmente às novas demandas da realidade humana.

No âmbito eclesial, essa sensibilidade manifesta-se de modo mais explícito nas orientações recentes do Magistério. O *Diretório para a Catequese* afirma que “as pessoas com deficiência são chamadas à plenitude da vida sacramental” e devem ser acolhidas na comunidade (DC, 2020, n. 272). Embora trate o tema de forma transversal, o documento reafirma que a inclusão não constitui mera adaptação pastoral, mas expressão da própria natureza da Igreja.

Essa perspectiva encontra fundamento na antropologia cristã, que reconhece a dignidade da pessoa humana como realidade originária e inviolável. A Sagrada Escritura afirma que o ser humano foi criado “à imagem e semelhança de Deus” (Bíblia, 2002, Gn 1,27, p. 34), princípio que orienta toda a compreensão cristã da pessoa e de sua vocação. Em continuidade com essa tradição bíblica, o *Catecismo da Igreja Católica* (CIgC) declara que “a dignidade da pessoa humana se fundamenta na sua criação à imagem e semelhança de Deus” (CIgC, 2017, n. 1700).

A partir dessa compreensão, a dignidade humana não depende de condições físicas, cognitivas ou sociais, mas pertence à própria identidade da pessoa. Assim, a criança com deficiência não pode ser definida por suas limitações, mas reconhecida em sua condição mais profunda de filha amada de Deus, chamada à comunhão e à participação na vida da Igreja.

Nos Evangelhos, a atitude de Jesus revela especial atenção às crianças e às pessoas socialmente marginalizadas. Ao acolhê-las e colocá-las no centro de sua missão (Bíblia, 2002, Mt 19,14, p. 1738), Cristo manifesta que, no horizonte do Reino de Deus, a fragilidade não constitui impedimento, mas lugar privilegiado da manifestação da graça. Essa postura torna-se critério permanente para a ação pastoral da Igreja.

Nesse horizonte, as crianças com deficiência devem ser reconhecidas como sujeitos da evangelização, capazes de viver e expressar a fé segundo suas possibilidades e ritmos próprios. A catequese, portanto, não pode ser compreendida como privilégio reservado a alguns, mas como direito que decorre da própria dignidade batismal.

Essa compreensão encontra também respaldo na dimensão jurídica da vida eclesial. O *Código de Direito Canônico* de 1983 (CIC) afirma no



Cânone 213 que “os fiéis têm o direito de receber dos pastores sagrados os bens espirituais da Igreja”. Negar ou dificultar o acesso das crianças com necessidades específicas à catequese e à vida sacramental fere não apenas sua dignidade, mas também a identidade missionária da Igreja.

Evangelizar as crianças com deficiência, portanto, não constitui uma concessão pastoral, mas uma exigência do próprio Evangelho. Reconhecer sua dignidade e garantir sua participação na vida eclesial significa afirmar, de modo concreto, que a Igreja é chamada a ser espaço de acolhida, comunhão e crescimento na fé para todos.

2 O Diretório para a Catequese e a evangelização inclusiva

O *Diretório para a Catequese* constitui hoje uma das principais referências do magistério para a ação catequética da Igreja. O documento apresenta critérios teológicos, pastorais e pedagógicos que orientam uma catequese fiel ao Evangelho e atenta às realidades humanas concretas. Nesse sentido, reafirma a catequese como dimensão essencial da missão evangelizadora da Igreja.

Ao compreender a catequese como processo de iniciação à vida cristã, o Diretório supera uma visão meramente conteudista da transmissão da fé. A pessoa concreta, com sua história, limites e potencialidades, é reconhecida como sujeito do processo evangelizador. Assim, a catequese torna-se caminho progressivo de encontro com Cristo e de amadurecimento na fé no interior da comunidade cristã.

Nesse horizonte, o documento recorda que a catequese participa das urgências próprias do mandato missionário em cada tempo histórico. Assim, a atividade catequética assume “as urgências e as ânsias próprias do mandato missionário para o nosso tempo”, em conformidade com *Diretório Geral para a Catequese* de 1997 (DGC), número 4; sendo, portanto, chamada a dialogar com as transformações culturais e sociais da realidade contemporânea.

Entre essas realidades, destaca-se a presença crescente de pessoas com deficiência na vida das comunidades. O *Diretório para a Catequese* reconhece explicitamente que a evangelização deve alcançar também essas pessoas, sem exclusões, pois são chamadas a participar plenamente da vida da comunidade cristã e da experiência sacramental, sendo reconhecidas como sujeitos da vida eclesial (DC, 2020, n. 272).



Tal afirmação desloca o foco das limitações para a dignidade e a vocação batismal da pessoa. Nesse sentido, a inclusão não aparece como concessão pastoral, mas como exigência intrínseca da missão da Igreja. Cada pessoa, mesmo diante de limitações significativas, possui capacidade de crescer na vida de fé e de participar da experiência eclesial.

Essa perspectiva oferece fundamento teológico para a catequese inclusiva com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Elas não devem ser consideradas exceções a serem toleradas, mas membros plenos do Corpo de Cristo, chamados a participar da vida sacramental e da comunhão da Igreja.

A reflexão magistral encontra também respaldo na disciplina canônica. O *Código de Direito Canônico* estabelece que as crianças podem receber a Eucaristia quando possuem conhecimento suficiente e preparação adequada, segundo sua capacidade (1983, cân. 913, §1). Essa orientação reconhece que a compreensão do mistério cristão deve ser considerada de modo proporcional às possibilidades de cada pessoa.

O Magistério recente reforça ainda mais essa perspectiva ao destacar a importância da participação das pessoas com deficiência na vida litúrgica e sacramental da Igreja. Ao tratar dessa questão, Papa Bento XVI, na exortação *Sacramentum Caritatis* (SCa), recorda que a comunidade cristã é chamada a favorecer sua participação na celebração e a garantir o acesso aos sacramentos. Nesse horizonte, o Pontífice sublinha, de modo particular, a necessidade de uma atenção pastoral mais cuidadosa e inclusiva, afirmando que:

Uma particular atenção há de ser reservada aos deficientes: sempre que a sua condição o permita, a comunidade cristã deve facilitar a sua participação na celebração no lugar de culto; a propósito, procure-se remover, nos edifícios sagrados, eventuais obstáculos arquitetônicos que impeçam o seu acesso aos deficientes. Enfim, seja garantida também a comunhão eucarística, na medida do possível, aos deficientes mentais, batizados e crismados: eles recebem a Eucaristia na fé também da família ou da comunidade que os acompanha (SCa, 2018, n. 58).

Essa orientação evidencia que a participação sacramental das pessoas com deficiência não depende exclusivamente de capacidades cognitivas individuais, mas também da mediação da comunidade e da fé compartilhada no interior da Igreja.



Desse modo, observa-se uma clara convergência no Magistério quanto ao direito das pessoas com deficiência à participação na vida sacramental. O *Diretório para a Catequese* reafirma que ninguém deve ser privado dos sacramentos em razão de suas limitações (DC, 2020, n. 272), enquanto a disciplina canônica estabelece critérios proporcionais à capacidade da criança.

A inclusão sacramental revela, portanto, uma dimensão concreta da missão evangelizadora da Igreja. Ao reconhecer em cada pessoa a dignidade de filho de Deus e membro do Corpo de Cristo, a comunidade cristã é chamada a promover uma catequese verdadeiramente acessível, capaz de acolher e acompanhar também as crianças com deficiência em seu caminho de fé.

3 Catequese inclusiva e eclesiologia de comunhão

O *Diretório para a Catequese* enfatiza que a ação catequética deve desenvolver métodos, linguagens, instrumentos e propostas formativas acessíveis a todos (DC, 2020, n. 204-217). Essa orientação dialoga diretamente com os princípios da educação inclusiva, das Tecnologias Assistivas e do Desenho Universal para a Aprendizagem, ao reconhecer que os modos de aprender, comunicar-se e expressar a fé são diversos.

No caso das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), essa diretriz legítima a adaptação de materiais, o uso de recursos visuais e sensoriais e a flexibilização das metodologias catequéticas. Tais estratégias não representam uma simplificação da catequese, mas um esforço pastoral para tornar o anúncio do Evangelho acessível às diferentes formas de aprendizagem presentes na comunidade.

Essa perspectiva encontra fundamento na própria natureza da Igreja, compreendida como comunhão de fiéis reunidos em Cristo e chamados a caminhar juntos na fé. Nesse sentido, a catequese não pode ser concebida como tarefa isolada, mas como expressão da vida comunitária, na qual cada membro participa do crescimento espiritual do outro.

A inclusão das crianças com TEA, portanto, não representa apenas uma adaptação pedagógica, mas manifesta concretamente a vocação da Igreja de ser espaço de acolhida, fraternidade e participação para todos. A diversidade presente na comunidade torna-se, assim, ocasião de aprendizagem e amadurecimento para todo o corpo eclesial.



A evangelização inclusiva, conforme propõe o *Diretório para a Catequese*, não se concretiza por meio de catequeses paralelas ou segregadas, mas pela construção de itinerários comuns, capazes de acolher a singularidade de cada pessoa. Essa abordagem mostra-se particularmente relevante no contexto do autismo, pois evita práticas que reforçam a exclusão e promove uma catequese verdadeiramente comunitária.

Nesse horizonte, o próprio *Diretório* recorda que a comunidade cristã possui corresponsabilidade pelo processo catequético (DC, 2020, n. 133). Supera-se, assim, uma lógica individualizante que atribui exclusivamente ao catequista a responsabilidade pela transmissão da fé. Toda a comunidade é chamada a participar da formação cristã e do acompanhamento daqueles que iniciam seu caminho na vida de fé.

A inclusão efetiva das crianças com TEA exige, portanto, uma Igreja que se organize pastoralmente para acolher, acompanhar e sustentar também suas famílias. Muitas delas enfrentam situações de cansaço, invisibilidade e sofrimento, o que exige da comunidade cristã uma atitude concreta de proximidade, escuta e solidariedade.

Essa perspectiva encontra forte sintonia com o magistério do Papa Francisco, que insiste na importância do acompanhamento pastoral como dimensão essencial da missão evangelizadora. Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), o Papa recorda que a Igreja deve iniciar seus membros na “arte do acompanhamento”, de modo que cada pessoa seja acolhida com respeito e sensibilidade em sua realidade concreta (EG, 2013, n. 169).

Essa compreensão está em continuidade com o *Diretório Geral para a Catequese*, que afirma que a comunidade cristã reconhece como particularmente prediletas do Senhor aquelas pessoas que sofrem algum tipo de deficiência (DGC, 1997, n. 189). O documento recorda ainda que toda pessoa, mesmo diante de limitações significativas, possui capacidade de crescer na santidade e de participar da vida da Igreja.

Dessa forma, a catequese inclusiva das crianças com TEA, à luz do Magistério, não se reduz a uma adaptação funcional ou pedagógica. Trata-se de uma realidade profundamente teológica e evangelizadora, que expressa a própria identidade da Igreja como comunidade de comunhão.

Incluir significa reconhecer a presença de Deus também na fragilidade humana e afirmar que o anúncio do Evangelho se realiza por meio de gestos concretos de acolhida, escuta e paciência. Quando vivida de modo autêntico, a catequese inclusiva torna-se espaço de manifestação



do Reino de Deus, onde cada criança pode experimentar que é amada, acolhida e chamada a crescer na fé no interior da comunidade cristã.

4 Desafios pastorais na evangelização de crianças com deficiência

Embora o Magistério da Igreja tenha apresentado importantes orientações em favor de uma catequese inclusiva, a prática pastoral ainda encontra desafios concretos na evangelização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Documentos recentes oferecem orientações importantes, porém a realidade de muitas comunidades revela dificuldades na implementação de práticas verdadeiramente inclusivas.

Embora textos como o *Diretório para a Catequese*, as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* e o documento 107 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, reafirmem o direito de todos à vivência da fé, observa-se, em diversas realidades paroquiais, uma distância entre o que é proposto pelo Magistério e o que efetivamente se realiza no cotidiano pastoral.

Entre os principais desafios destacam-se: a falta de formação específica dos catequistas para lidar com a diversidade, a escassez de materiais pedagógicos adaptados e limitações estruturais presentes em muitas comunidades. Essas dificuldades tornam-se ainda mais evidentes quando se trata de crianças com TEA, cujas particularidades cognitivas, sensoriais e comunicacionais exigem abordagens diferenciadas.

Em geral, os catequistas exercem sua missão movidos por generosidade e sincero compromisso evangelizador; contudo, muitas vezes não recebem o suporte formativo necessário para responder de modo adequado às necessidades dessas crianças e de suas famílias, o que pode gerar insegurança e limitações no processo catequético.

Além das dificuldades pedagógicas e estruturais, persistem também desafios de natureza atitudinal. Preconceitos, estigmas e compreensões reducionistas sobre o autismo ainda podem estar presentes em alguns ambientes eclesiais, contribuindo para processos de exclusão, ainda que frequentemente não intencionais.

Nesse contexto, a deficiência é muitas vezes interpretada a partir da lógica da incapacidade, o que dificulta o reconhecimento das po-



tencialidades espirituais e relacionais das crianças com TEA. Como observam Silva e Paixão (2024), a simples presença do catequizando no grupo não garante sua inclusão; se não lhe são oferecidas condições reais de participação, sua presença pode resultar mais em exclusão do que em verdadeira integração.

De modo semelhante, Calandro, Silva e Barbosa (2022) destacam que a inclusão exige mais do que a adaptação do espaço físico. É necessário que o ambiente catequético ofereça atividades que considerem as necessidades específicas do catequizando, valorizando suas possibilidades de participação e aprendizagem.

Esse cenário interpela não apenas os catequistas, mas toda a comunidade paroquial. A evangelização de crianças com TEA exige um olhar atento também para suas famílias, que frequentemente enfrentam situações de cansaço, invisibilidade e escassez de apoio pastoral.

Diante dessa realidade, torna-se necessária uma contínua conversão pastoral, capaz de transformar mentalidades, estruturas e práticas catequéticas. A inclusão não pode ser reduzida à presença física da criança nos encontros, mas deve assegurar sua participação efetiva e sua integração na vida da comunidade.

Nesse horizonte, a catequese é chamada a reconhecer que a diversidade humana faz parte da própria constituição da Igreja. A fragilidade, longe de ser obstáculo, pode tornar-se lugar privilegiado de manifestação da graça de Deus e de crescimento espiritual para toda a comunidade.

Essa perspectiva encontra ressonância no magistério do Papa Francisco, que recorda que um dos grandes riscos do mundo atual é o fechamento individualista que impede a abertura ao outro e ao amor de Deus (EG, 2013, n. 2). A catequese inclusiva torna-se, assim, sinal concreto de uma Igreja que resiste à lógica da exclusão e se abre ao encontro com cada pessoa.

Nesse contexto, a reflexão pastoral aponta para a necessidade de iniciativas concretas que integrem conhecimento teológico, sensibilidade pastoral e contribuições da educação inclusiva. A formação dos catequistas, a adaptação de materiais e o acompanhamento das famílias tornam-se elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma catequese verdadeiramente inclusiva.

Evangelizar crianças com Transtorno do Espectro Autista, portanto, não constitui uma concessão pastoral ou uma ação opcional. Trata-se



de uma exigência do próprio Evangelho e da missão da Igreja. A catequese inclusiva revela-se, assim, expressão concreta de uma comunidade que se reconhece como casa de portas abertas, onde cada criança é acolhida e convidada a fazer a experiência do encontro com Jesus Cristo.

5 Possibilidades e caminhos pastorais

Diante dos desafios identificados na evangelização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), torna-se necessária a construção de caminhos pastorais que aproximem as orientações do Magistério da prática catequética cotidiana. As indicações presentes no *Diretório para a Catequese* e nas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* oferecem fundamentos importantes para a promoção de uma catequese verdadeiramente inclusiva nas comunidades.

Entre as iniciativas pastorais mais urgentes destaca-se a formação continuada dos catequistas. A falta de preparo específico ainda constitui um dos principais obstáculos para a inclusão de crianças com TEA na catequese, gerando insegurança diante das particularidades cognitivas, sensoriais e comunicacionais dessas crianças.

Nesse sentido, a formação dos catequistas e dos agentes de pastoral revela-se elemento fundamental para que a comunidade possa acolher adequadamente famílias, crianças e jovens com necessidades de evangelização diferenciadas. Como destacam Silva e Paixão (2024), uma formação pastoral adequada possibilita oferecer acompanhamento mais sensível e eficaz às pessoas com deficiência e a seus familiares.

Além da formação, é necessário reconhecer que a catequese inclusiva busca promover a participação ativa e significativa de todas as crianças, respeitando suas diferenças e valorizando sua singularidade. A inclusão não consiste apenas em permitir a presença nos encontros catequéticos, mas em garantir condições reais de participação e aprendizagem na experiência de fé (Silva; Paixão, 2024).

Outro caminho pastoral fundamental refere-se ao diálogo constante com as famílias. Pais e responsáveis possuem conhecimento profundo sobre as necessidades, os modos de comunicação e as formas de interação de seus filhos, tornando-se parceiros indispensáveis no processo catequético.

A criação de espaços de escuta, momentos de partilha e canais permanentes de comunicação fortalece o vínculo entre catequistas, família e



comunidade paroquial. Conforme observa Armange (2018), a Igreja pode expressar sua acolhida por meio de gestos simples: aproximando-se das famílias, oferecendo espaços de espiritualidade e criando redes de apoio que favoreçam a troca de experiências e o acompanhamento pastoral.

Nesse contexto, a evangelização das crianças com TEA exige também um olhar pastoral mais amplo por parte da comunidade paroquial. Muitas famílias enfrentam situações de cansaço, insegurança e invisibilidade, o que torna ainda mais necessária uma presença eclesial marcada pela proximidade e pelo cuidado pastoral (Silva; Paixão, 2024).

No campo metodológico, abrem-se possibilidades fecundas ao integrar princípios da educação inclusiva, do Desenho Universal para a Aprendizagem e do uso de tecnologias assistivas à prática catequética. A elaboração de materiais adaptados, com recursos visuais, pictogramas e linguagem acessível, pode favorecer uma catequese mais participativa e significativa para crianças com TEA.

A organização dos encontros catequéticos também desempenha papel relevante nesse processo. Rotinas estruturadas, ambientes acolhedores e atenção à dimensão afetiva da fé contribuem para que as crianças se sintam seguras e verdadeiramente pertencentes à comunidade cristã.

Mesmo diante dessas iniciativas, permanece necessária uma autêntica conversão pastoral. A inclusão não pode ser responsabilidade exclusiva dos catequistas, mas compromisso de toda a comunidade eclesial, chamada a tornar-se espaço de acolhida, cuidado e participação para todos.

Por fim, é importante recordar que a eficácia da catequese não depende apenas de métodos ou estratégias pedagógicas, mas é sempre fruto da ação e da graça. Como recorda o *Diretório Geral para a Catequese*, “a eficácia da catequese é e será sempre um dom de Deus, mediante a obra do Espírito do Pai e do Filho” (DGC, 1997, n. 288).

Assim, os caminhos pastorais aqui apresentados não se limitam a soluções pontuais, mas apontam para uma proposta orgânica de catequese inclusiva, que integra fé, conhecimento científico e prática pastoral. A evangelização das crianças com TEA manifesta concretamente a missão da Igreja de anunciar o Evangelho a todos, garantindo que nenhuma pessoa permaneça à margem da vida eclesial.



Conclusão

A reflexão desenvolvida ao longo deste artigo buscou analisar a catequese inclusiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) à luz das orientações do Magistério da Igreja, particularmente do *Diretório para a Catequese*. Partindo da compreensão da dignidade da pessoa humana como fundamento da ação evangelizadora, evidenciou-se que o acesso à catequese e à vida sacramental constitui um direito de todos os batizados, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou sensoriais.

A análise dos documentos eclesiais demonstrou que a inclusão das pessoas com deficiência não pode ser compreendida como concessão pastoral, mas como expressão da própria identidade da Igreja. Nesse horizonte, a catequese é chamada a reconhecer e valorizar a diversidade presente nas comunidades, acolhendo cada pessoa como sujeito do processo de evangelização e participante ativo da vida eclesial.

O estudo também evidenciou que, apesar dos avanços presentes no Magistério, ainda existem desafios significativos na prática pastoral das comunidades. A falta de formação específica dos catequistas, a escassez de materiais adaptados e a persistência de concepções reducionistas sobre a deficiência continuam sendo obstáculos para a efetivação de uma catequese verdadeiramente inclusiva.

Diante dessa realidade, torna-se necessária uma contínua conversão pastoral, capaz de transformar mentalidades, estruturas e práticas catequéticas. A inclusão não se limita à presença física da criança nos encontros, mas implica garantir condições reais de participação, aprendizagem e experiência de fé no interior da comunidade cristã.

Nesse contexto, iniciativas como a formação continuada dos catequistas, o diálogo constante com as famílias e a incorporação de recursos pedagógicos inspirados na educação inclusiva e nas tecnologias assistivas mostram-se caminhos promissores para a construção de uma catequese mais sensível às diferentes formas de aprender e viver a fé.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que a catequese não se reduz a um conjunto de estratégias pedagógicas. Como recorda o *Diretório para a Catequese*, sua eficácia permanece sempre vinculada à ação da graça e à obra do Espírito Santo na vida da Igreja. Nesse sentido, a catequese inclusiva revela-se não apenas como resposta a uma



demanda pastoral contemporânea, mas como expressão concreta da missão evangelizadora confiada à comunidade cristã.

Por fim, a evangelização de crianças com TEA manifesta, de modo particular, o chamado da Igreja a ser espaço de acolhida, comunhão e participação. Quando a comunidade se abre à diversidade e reconhece na fragilidade humana um lugar privilegiado da manifestação da graça, torna-se possível construir uma catequese que reflita, de forma mais autêntica, o rosto misericordioso de Cristo e a universalidade do anúncio do Evangelho.

Referências

ARMANGE, M. A. *Autismo: um diálogo necessário na Igreja – palavras introdutórias*. 2018. Disponível em: <https://legado.luteranos.com.br/textos/autismo-um-dialogo-necessario-na-igreja-palavras-introdutorias>. Acesso em: 12 mar. 2026.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CALANDRO, E.; SILVA, J.; BARBOSA, R. *Psicopedagogia catequética: reflexões e vivências para uma catequese inclusiva*. São Paulo: Paulus, 2022.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: CNBB: Loyola, 2017.

CÓDIGO de Direito Canônico: *Codex Iuris Canonici*. Promulgado por João Paulo II, Papa; Tradução CNBB. São Paulo: Loyola, 1983.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretório Nacional de Catequese*. Brasília: CNBB, 2006.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Documento 109. Brasília: CNBB, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Documento 107. Brasília: CNBB, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*. Vaticano, 1997.

PAPABENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2018.



PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 15 mar. 2026.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2020.

SILVA, P. J. da; PAIXÃO, F. da. Celebrando a diversidade: um olhar inclusivo para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista – TEA e Transtorno Opositor Desafiador – TOD na catequese da Paróquia Imaculada Conceição Guassussê/Orós. *Logos & Culturas*, Fortaleza, v. 4, n. 2, 2024. Disponível em: <https://ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/logosculturas/article/view/543>. Acesso em: 10 mar. 2026.